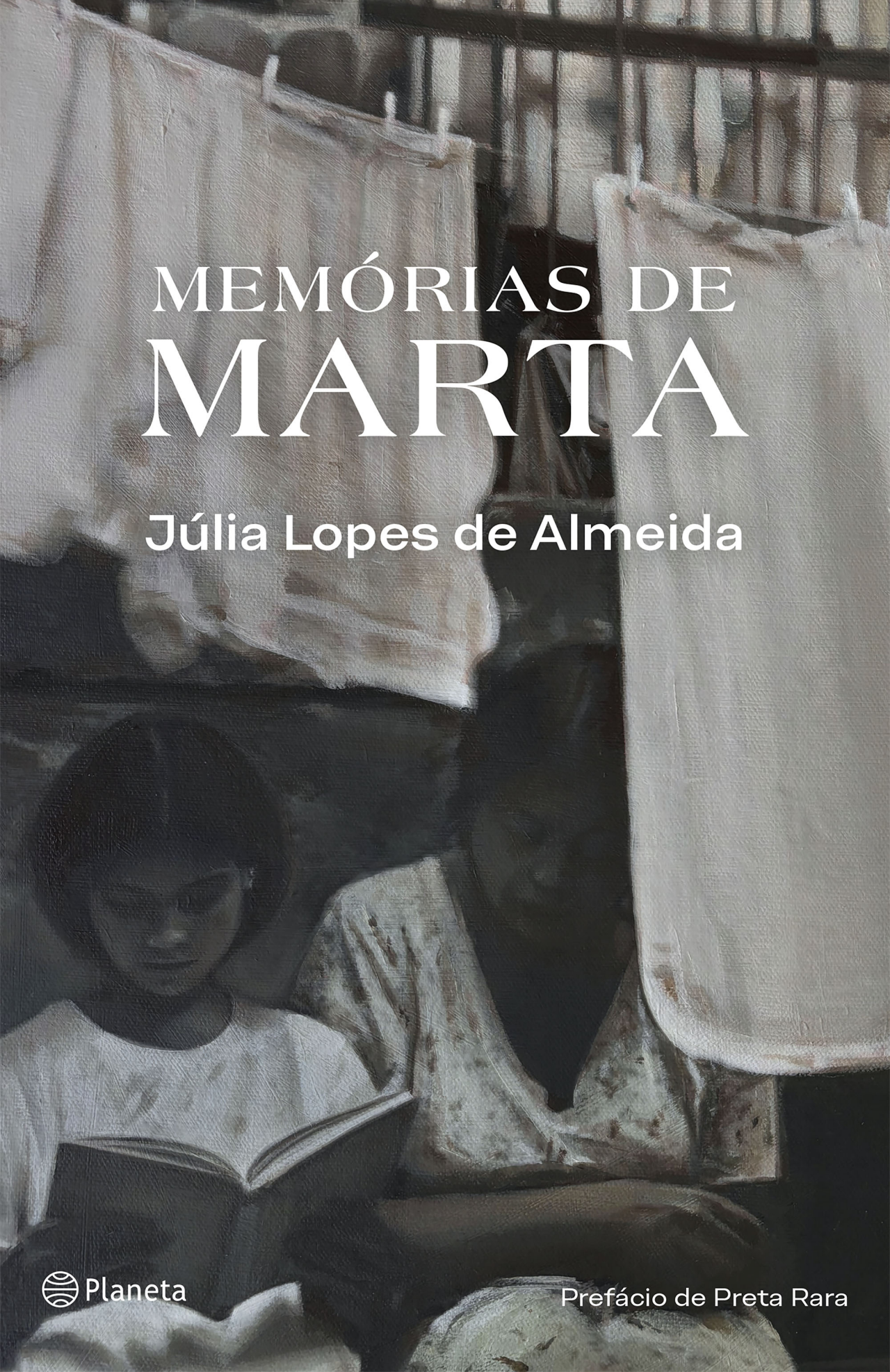




MEMÓRIAS DE MARTA

Júlia Lopes de Almeida

MEMÓRIAS DE MARTA

Júlia Lopes de Almeida

Organização
Tatiany Leite

Ilustrações
Hanna Lucatelli Santos



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Editora Planeta, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Flavia Veloso
Projeto gráfico: Maria Beatriz Rosa
Diagramação: Márcia Matos
Revisão: Marina Geiger e Bonie Santos
Ilustração de capa: Hanna Lucatelli Santos
Capa: Fabio Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, Júlia Lopes de
Memórias de Marta / Júlia Lopes de Almeida ; organização de Tatiany
Leite ; ilustrações de Hanna Lucatelli Santos. – São Paulo : Planeta do
Brasil, 2026.
160 p.

ISBN 978-85-422-3970-6

1. Literatura brasileira 2. Mulheres — Condições sociais — Ficção
3. Pobreza I. Título II. Leite, Tatiany III. Santos, Hanna Lucatelli

25-4991

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em
Adobe Jenson Pro e impresso pela
Lis Gráfica para a Editora Planeta
do Brasil em dezembro de 2025.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Prefácio	+ 5
I	+ 9
II	+ 27
III	+ 39
IV	+ 49
V	+ 61
VI	+ 67
VII	+ 73
VIII	+ 83
IX	+ 99
X	+ III
XI	+ 127
XII	+ 133
XIII	+ 141
Posfácio	+ 147
Notas	+ 153

O mundo de cada um é limitado pelo que abrangem os raios da sua capacidade visual ou pelo que lhe sugere a sua imaginação. Esta em mim sempre foi de fôlego curto, assim como o meu círculo social muito restrito. Uma e outra coisa tornaram-me como que medrosa de mim mesma. Não tendo sabido viver; sinto, entretanto, um prazer confuso em reviver, em levantar os meus mortos, pôr-me a olhar para eles. E colher aqui e além, nos frangalhos da memória, a expressão fugidia de certas paisagens e de certos seres.

Monotonia, pobreza. Muito ao longe, um gato cinzento — Chimarrão, porque nos tinha sido dado por um rio-grandense —; um ângulo de quintal onde eu permanecia a brincar à sombra de uma casuarina¹ a cuja vigilância minha mãe parecia confiar-me.

Lembro-me ainda de a ouvir dizer quando me queria afastar de si:

— Vai para a casuarina.

Às vezes penso que naquela árvore existia uma alma humana, tanto ela me entretinha, atirando-me aos pés as suas agulhas, que eu enfeixava; dando-me sombra, ou pondo-se a cantar, se o vento a agitava. Na própria saudade com que a evoco, ou com que, fora de nenhum propósito, ela se desenha na minha lembrança imensa e rumorosa, tenho a impressão de uma consciência a querer comunicar-se com a minha.

Foi na casa da casuarina que vivi até os cinco anos. Do interior lembro-me principalmente do papel ordinário da sala de jantar, pintalgado de chins e de quiosques. Eu morava em um deles, representada por uma sujeitinha minúscula de bata cor de anil.

Todas as outras da pintura eram minhas comadres. De algumas coisas mais recordo-me às vezes, mas numa fugacidade tal que não me deixam a sensação da saudade, mas a da dúvida.

Só a casuarina...

Foi nesse prédio da rua de Santa Ana que meu pai morreu de febre amarela. A epidemia nesse ano não se contentara com pouco. Só no quarteirão em que

morávamos, todo constituído por pequenas casas de porta e janela, tinham morrido mais de cem pessoas. E atribuíram a morte de meu pai ao ter ele comido duas mangas num armazém da Alfândega,² onde trabalhava. O terror pela fruta inocente ficou por amor disso³ implantado na família. Durante o período da doença, tanto a minha mãe como a preta velha⁴ que a ajudava nos serviços domésticos mal bastavam para os cuidados exigidos pelo enfermo a cujo leito deixavam-me encostar, inconscientemente. No dia do enterro tive medo. A casa encheu-se de vizinhas mais curiosas que prestativas. Ninguém se receava do contágio. Todo o mal atribuído às frutas: meu pai pelas mangas; a menina em frente por ter chupado cajus quentes do sol...

À hora da saída do corpo arrastaram-me à força para a última despedida, queriam que eu beijasse o cadáver. Debatí-me, mordi os dedos que me seguravam e num arranco fugi para o quintal a refugiar-me sob a árvore protetora.

Como ela cantava!

Março agonizava assoprado por um vento quente, precursor de tempestade; um vento que não aliviava os corpos abrasados, mas agitava as ramagens. A

casuarina cantava como se quisesse fazer-me esquecer a cena lúgubre.

Mas eu não esquecia.

Com as costas unidas ao muro, os olhos secos de espanto, sufocando as palpitações do meu coraçãozinho como se a sua bulha bastasse para chamar sobre mim a atenção de toda a gente, fiquei muda, sentindo no corpo a frialdade daquele cadáver, com a sensação de que me iriam buscar para me embrulharem na sua roupa de espectro, larga, escura, cortada pelos traços longos dos dois cordões brancos.

Na morte, não era o pavor da cova negra o que me assustava mais, era a presença do Pai do Céu, de que me falavam a todo instante, como uma punição para as minhas travessuras e um prêmio para virtudes que eu não conhecia e me pareciam de assombro!

Efetivamente, que ouvia eu desde manhã até à noite?

“Menina, não faça assim, que Deus castiga.”

Deus castiga!...

Por isso eu tremia toda, pensando que me queriam levar com meu pai para a presença desse juiz inflexível, tão alto que se não pudesse curvar até às minhas faces lacrimosas para o beijo da piedade e do perdão.

Já o corpo do finado ia nos solavancos do carro de terceira classe pela rua fora, quando minha mãe foi buscar-me. Vendo-a gritei que me deixasse e debati-me entre os seus braços.

Dizem que o som da voz de quem morreu é a primeira coisa que se perde na lembrança de quem fica, e, após tantos anos, sinto ainda nos ouvidos o timbre enrouquecido da voz de minha mãe nesta frase inesquecível:

— Entra. Ele foi-se embora.

Foi-se embora... Que alívio.

Da morte de meu pai foi a sensação que me ficou. Amei-o? Talvez, não me lembro. A convivência era pouca ou nenhuma. Ele passava a vida na rua; eu, agarrada às saias de minha mãe e de uma velha fula religiosíssima que toda se desmanchava em contar-me histórias de fantasmas e de terrores do diabo.

“Quem atira pedras vai para o inferno! Quem rouba açúcar do açucareiro vai para o inferno! Quem foge para a rua vai para o inferno!”

Oh!

As minhas culpas começaram cedo a pesar-me na consciência...

Não posso acompanhar o movimento de transição da nossa vida na Cidade Nova⁵ para a outra

que iniciamos num modesto cortiço⁶ da rua de São Cristóvão.⁷

Aí já minha mãe não tinha consigo nem mesmo a velhinha que nos acompanhava outrora, e que partiu não sei para onde, nem com quem. Lembro-me de que vivíamos nós duas sós; minha mãe engomando para fora,⁸ desde manhã até à noite, sem resignação, arrancando suspiros do peito magro, mostrando continuamente as queimaduras das mãos e a aspereza da pele dos braços, estragada pelo sabão. Custou-lhe afazer-se aos maus-tratos da miséria. Mas que resignação, depois!

Cresci vagarosamente, como se me não bastasse para o desenvolvimento o espaço estreito daquela alcova, em que, de verão e de inverno, ela trabalhava, vestida com o pobre traje de viúva, já velho e ruço, mal-arranjado em seu corpo de tísica, muito delgado...

Eu, às vezes, ia brincar para a porta com umas crianças da vizinhança; mas as pequenas eram brutinhas e magoavam-me os pulsos, puxando com força por mim. Eu caía, chorava alto, minha mãe corria a socorrer-me e levava-me ao colo para dentro. Sentia-lhe a respiração ofegante, as mãos muito quentes e os beijos secos, queimados, que ela unia às minhas faces em beijos longos e sentidos.

— Vês? — dizia-me, com voz enfraquecida e rouca. — Arranhaste os joelhos... Deixa-me ver as mãos... estão esfoladas também! — E molhavam-as cuidadosamente, como se eu tivesse doença de perigo ou dolorosa, com todo o mimo e desvelo. Outras vezes impacientava-se e fazia-me chorar...

Voltava depois ao trabalho; arregaçava as mangas, dava-me uma bruxa de pano e uns retalhos, para que eu me entretivesse.

Eu não me entretinha e ela recomeçava a engomar ao longo de uma tábua assente, de um lado, no peitoril da janela, e do outro, nas costas de uma cadeira.

Fuxicando aventais impossíveis eu acabava por adormecer. Quando abria os olhos via-me coberta por uma manta e com um véu sobre o rosto para que me não importunassem as moscas. Quantas moscas! O matadouro nas vizinhanças infeccionava o bairro enchendo-o ao mesmo tempo de mau cheiro, de insetos e de urubus.

A atrevida familiaridade destas aves trazia-as a enfileirarem-se sobre o muro baixo do Cortiço e a se servirem para seu poleiro habitual de uma árvore seca e esgalhada que havia ao fundo, no pátio das tinas, onde se juntavam as lavadeiras. Aquela árvore

sem ramagem, coberta de asas negras, fazia-me pensar nas histórias de bruxedo da preta velha da rua de Santa Ana.

Enfraqueci; mirrei, encheu-se o meu pescoço de caroços linfáticos.

Nosso almoço era café e pão: café sem leite, muito fraco. O meu quinhão era sempre o maior. Findo o almoço, ia eu, como na véspera, para a porta, atraída pelos gritos alegres das crianças, e dali voltava chorosa, oprimida pela superioridade das outras, muito mais fortes do que eu. A Carolina, o Juca, a Dodô, a Rita...

Chamavam-me lesma! Mole, palerma! E riam-se das minhas quedas, da minha magreza e da minha timidez. Eu, no começo, estranhava aquela moradia, com tanta gente, tanto barulho, num corredor tão comprido e infecto, onde o ar entrava contrafeito, e a água das barreias se empoçava entre as pedras desiguais da calçada negra.

Minha mãe não permitia que eu me desembaraçasse como as outras; tinha sempre os olhos em mim.

Se eu me desviava um pouco gritava logo:

— Marta! Para aqui!

E eu corria a encolher-me junto a seus pés, toda enroscada como o Chimarrão. Onde estaria ele?

O mais abominável no Cortiço era o tempo das chuvas e da forçada reclusão. Nunca me senti com vocação para caracol.

Minha mãe não me levava consigo quando saía a entregar a roupa dos fregueses. Deixava-me em casa de uma vizinha, uma ilhoa bruta que batia nos filhos e injuriava o marido. A escola não podia ser melhor! O que veem os olhos da inocência não penetra no entendimento. Quando este chega, já há a filosofia do sofrimento. Foi o que me valeu.

Carolina, a filha mais velha da ilhoa, era compassiva e defendia-me da maldade dos irmãos mais novos, sobretudo do Juca, pequeno, corado e lindo como uma flor, mas de uma travessura atormentadora. Um dia ela notou que eu tinha fome e deu-me um bocado de carne. Minha mãe andava por fora na sua lida e eu consolava-me roendo alegremente a minha fatia de assado quando a ilhoa chegou.

— Quem te deu isso? — perguntou-me.

Eu tinha a boca cheia e não pude responder.

A Carolina disse sem titubear, com toda a sua costumada serenidade, que tinha sido ela...

A mãe enfureceu-se e bateu-lhe. Embora chorando, a Carolina afirmava que o quinhão que me dera era o seu, só o seu; que ela não tinha vontade de jantar...

— Não me importa — continuava a enraivecida mulher —, bato-te para que saibas que não se mexe na comida sem minha licença!

Desatei em pranto e foi assim que minha mãe me encontrou.

Chegando à casa contei-lhe tudo; ela fez-se pálida, teve um ataque de tosse; depois, ainda anelante de cansaço, procurou aquietar-me, prometendo que não me deixaria mais, e iria entregar a roupa aos fregueses em minha companhia.

Assim foi. Na primeira semana saí também.

Era um dia de verão. Eu sentia o calor das pedras da calçada e das paredes das casas onde ia roçando os dedos.

Em mais de meio do caminho, minha mãe parou de repente, ao ver uma senhora que se aproximava, e puxou-me para dentro de um corredor, dizendo, quase que maquinalmente: — Deixe-a passar, não quero que me veja...

Ali estivemos alguns minutos, até que tornamos a sair para a rua. A tal senhora sumira-se em uma esquina.

— Quem é?

— Era uma amiga minha...

— Por que não lhe falou?...

Minha mãe suspirou e não respondeu. A resposta tive-a eu anos depois, do tempo, da idade e dos desgostos. Por que não reconheceria uma mulher elegante, como amiga, em plena rua, a uma outra quase andrajosa, vergada sob um fardo descomunal de roupas engomadas, toda anelante de suor e de cansaço? Haveria entre as duas uma barreira que a minha pequena altura não me permitia dominar?

— É longe ainda a casa da freguesa?...

— Não... é aqui. Entra.

Transposto um largo portão de ferro, ladeamos todo o prédio até o fundo, por onde subimos por alguns degraus diretamente para a sala de jantar, compartimento amplíssimo que se abria em várias portas para um terraço de ladrilhos pretos e brancos. Uma senhora gorda, de roupão de rendas, balançava-se em uma cadeira. Outra costurava junto à mesa.

O ar recendia a flores e a frutas. Tudo polido, arejado e grande. Mas o drama sensacional estava todo ele encaixado no vão de uma janela, onde uma menina da minha idade se ocupava em vestir a sua boneca com vestidos de seda. Fizeram-me sentar a seu lado e aspirar o veneno da inveja pela primeira vez. Para

exibir a sua felicidade a pequena desenrolou à minha vista fascinada o riquíssimo enxoval da sua Mademoiselle Rosá. “Vem tudo de Paris. Só veste sedas!”

E que olhos grandes; e que linda cabeleira loira toda arrepiada em anéis, a da tal mademoiselle!

Na ânsia vaidosa de me mostrar outras coisas, levou-me ela depois ao salão. Mostrou-me o retrato do imperador encaixilhado em moldura de pelúcia. O pai ia ao paço e às leituras da Glória. Eu não entendia, mas arregalava os olhos assombrada. A mãe já fora também cumprimentar a imperatriz, e outra vez a princesa, no Palácio Guanabara...⁹ Como talvez eu não lhe parecesse muito comovida com essas narrativas, deliberou sentar-se ao piano e tocar uma lição do método, tendo o cuidado de virar para cima a pedra do anel que por largo descaía. Acabada a música conduziu-me para a frente do espelho, um grande espelho que vinha do teto ao chão. Olhou bem para si e mediu-me depois a imagem refletida a seu lado, de alto a baixo.

Compreendi a minha fealdade pela primeira vez. Que diferença entre nós duas!

Ela, muito corada, olhos brilhantes de alegria e de orgulho, o vestido claro, curto, as meias esticadas por cima dos joelhos... Eu, pálida, o cabelo muito liso,

feito em uma trança apertada, as pernas magras, as meias de algodão engelhadas, o vestido de lã cor de havana, comprido e esgarçado, os sapatos cambaios...

A pequena compreendeu-me e demorou-se mal-dosamente a confrontar-me com altivez. Eu sentia-me humilhada e com vontade de chorar...

Em casa da ilhoa ou em casa da freguesa por diferentes modos caía sobre mim a humilhação...

Voltamos para dentro; o rol estava conferido, chamavam por nós.

— Lucinda — disse então a dona da casa para a filha —, vai buscar teu vestido encarnado para o dares a esta menina... É novo ainda — continuava ela, voltando-se para minha mãe —, mas não vai bem à Lucindinha e o pai não gosta da cor...

Veio o vestido. Enfiaram-no mesmo por cima do outro, para o experimentarem em mim.

— Parece um macaquinho! — exclamava Lucinda, desferindo umas risadinhas agudas, a olhar para mim.

Eu corava e tinha ímpetos de o arrancar do corpo. Viravam-me de costas... de frente... de lado... faziam-me levantar os braços, abaixá-los e dobrá-los. Prestei-me como um autômato, indignada sem saber por quê; revoltada, mas submissa e trêmula.

Quando minha mãe agradeceu a esmola, senti parar-me o coração...

Por que não teria eu igual direito a possuir tudo, como a Lucinda, sem pedir ou aceitar esmolas?

E por que me fazia tão mal essa palavra, a mim, que nada conhecia do mundo?

Não bastariam as provas da véspera, em casa da Carolina, e a desse dia em frente ao espelho para me fazer compreendida de sobejo? Tudo está no modo por que se é esclarecido.

Quando eu ia a sair, a irmã mais velha de Lucinda apagou-me com um beijo a tristeza que eu sentia.

Aquele beijo nunca mais me esquece: foi nivelador...

As crianças pensam; e as impressões que sentem são duráveis e profundas. Tenho passado por grandes tempestades e nenhuma me deixou mais vestígios do que a que abalou minha meninice.

Tornei a ir na seguinte semana à casa da freguesa. A Lucinda não estava, fora para o colégio. A mãe tinha separado umas roupas, já curtas e apertadas para a filha, e as deu a mim sem que desta vez eu tivesse a menor impressão, talvez por não estar presente a perturbadora Lucinda, ou talvez porque a gente se habitue a tudo, mesmo aos oito anos...

Perguntaram se eu já sabia ler. Resposta negativa. Rosário de censuras. Não sabiam para que serviriam as escolas públicas. O povo é ignorante porque quer. Uma tristeza...

Minha mãe corava. Eu arregalava os olhos sem entender bem as insinuações. Apalpavam-me o pescoço, para perceberem os caroços linfáticos que serviam de desculpa à minha demora em aprender. Em todo caso ficou resolvido que eu entraria nessa mesma semana para o colégio.

Voltei contente para casa e essa tarde passei-a toda na porta, com as crianças da vizinha: a Carolina, o Maneco e a Rita.

O Maneco tinha dez anos, era magro, orelhudo e pávido; cheirava sempre a cachaça e vivia fumando as pontas de cigarros encontradas no chão. Era ele quem mais me afligia e, entretanto, quem mais me procurava! Quando se ria mostrava as gengivas arroxeadas, como se estivessem cozidas pelo álcool, e os dentes grandes, desiguais, ainda muito novos. Era alto para a idade, mas magríssimo, com o peito fundo, e os braços e as pernas moles.

A irmã mais nova tinha cinco anos, mas podia comigo ao colo, a Rita, já dona de um vasto vocabulário de insultos.

De resto bonita, morena e engraçada.

A este rancho juntava-se às vezes um mulatinho,¹⁰ o Lucas, mais moço do que eu, muito sujo, e que passava a vida a mentir...

Nesse dia entrei para a roda com ar altaneiro; falei da minha amiga Lucinda, de coisas suntuosas, presentes, doces, vestidos, gozando da admiração dos outros.

Só a Carolina parecia não me ouvir; lavava os esfregões das panelas, com o corpo em c e os braços enterrados na água malcheirosa da tina.